

PADRÃO ESTÉTICO INGLÊS NO AUGE DA ERA VITORIANA E SUA PRESENÇA NAS REVISTAS CARIOCAS DO SÉCULO XIX ¹
ENGLISH AESTHETIC PATTERN AT THE HEIGHT OF THE VICTORIAN ERA AND ITS PRESENCE IN THE CARIOCA'S MAGAZINES OF THE XIX CENTURY

Letícia Valério Floriano²

Tânia Mara Cruz³

Resumo: O padrão estético da era vitoriana baseava-se em corpos que tinham como referência a população branca e incluía a magreza e palidez com o uso de diversos elementos para enaltecer o belo, entre eles chapéus, saias amplas e espartilhos. A Inglaterra, despontando em sua segunda revolução industrial e uma das maiores potências imperialistas internacionais, influenciou muitos países com sua estética tanto por sua rede de notícias quanto por seu domínio estético e atrelado à venda de mercadorias. O Brasil no século XIX possuía múltiplas influências europeias, percebidas nas roupas e acessórios utilizados pelas brasileiras da época. As revistas brasileiras do período são consideradas um dos principais métodos de disseminação de informação e moda. É a partir das revistas que a influência britânica se mostra. Por meio da pesquisa documental em revistas cariocas de meados do século XIX, buscou-se verificar se e de que modo a estética vitoriana estava presente nelas. Os resultados da análise demonstram uma relativa influência estética britânica em alguns aspectos corporais e da indumentária, entre eles o uso do chapéu Bonett e da saia balão, apesar das polêmicas que envolviam o uso de ambos.

Palavras-chave: Estética. Revistas Cariocas. Era Vitoriana.

Abstract: The aesthetic pattern of the victorian era was based on bodies that had as reference the white population and included slimness and pallor with the use of several elements to enhance the beauty, among them hats, wide skirts and corsets. England, emerging in its second industrial revolution and one of the greatest international imperialist powers, influenced many countries with its aesthetics both for its news network and for its aesthetic dominance and linked to the sale of goods. Brazil in the XIX century had multiple european influences, perceived in the clothes and accessories used by the brazilian women of that time. The brazilian's magazines of the period are considered one of the main methods of dissemination of information and fashion. And it is from the magazines that the British influence is shown. Through documentary research in magazines from Rio de Janeiro in the mid-nineteenth century, it was sought to verify whether and how the victorian aesthetic was present in them. The results of the analysis show a relative british aesthetic influence, in some aspects of body and clothing, including the Bonett hat and the balloon skirt, despite the polemics surrounding the use of both.

Keywords: Aesthetic. Carioca's Magazines. Victorian Era.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

² Acadêmica do curso História da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. Email: valerioleticia@hotmail.com

³ Doutora em Educação – Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Email: tania.cruz@unisul.br

1 INTRODUÇÃO

O padrão estético destinado à mulher em uma sociedade consiste na colocação de elementos específicos como ideais formando uma figura enaltecida, na maioria das vezes composta por aspectos oriundos da classe hegemônica, a qual é diferente das múltiplas estéticas adotadas pelo conjunto da população. O período vitoriano na Inglaterra (1838-1901) é visto como um dos momentos em que para atingir ao belo era necessário muito esforço demandado, com o papel da mulher em transição entre o lar e o começo de um período ao qual as mulheres de classes mais abastadas conquistam suas primeiras profissões fora de casa.

O período de 1850 a 1880 foi marcado pela segunda revolução industrial, o que gerou o êxodo rural e a organização de centros industriais, período o qual a Inglaterra possuiu grande desenvolvimento e vendas exportadoras e que mantinha em alta devido às áreas de controle tanto coloniais como não desenvolvidas, a exemplo do Brasil. Estes aspectos tornaram a metrópole britânica uma influência internacional.

A Inglaterra possuía conexões realizadas a partir da exploração de outros países no século XIX, sendo a Índia, China e Japão seus principais exportadores de matérias primas. A necessidade de matérias primas tanto na alimentação quanto o algodão para a manufatura era uma característica inglesa. Segundo Hobsbawn (2000) a partir do início do século XIX a produção agrícola interna não conseguia sustentar o país e a classe proletária inglesa que compunha um grande percentual populacional não tinha acesso a outros produtos que não fossem básicos para sua necessidade.

77% dos 24.100.000 habitantes da Grã-Bretanha pertenciam à "classe trabalhadora manual"; e incluiu na "classe média" todos os empregados de escritório e auxiliares indiretos das oficinas, todos os lojistas, por menores que fossem seus estabelecimentos, todos os capatazes e supervisores etc. Não mais de 15% destes pertenciam a uma aristocracia qualificada ou moderadamente bem remunerada de trabalhadores (HOBSBAWN, 2000, p.143).

Conectando as exportações ao modo inglês de se vestir e portar, o estilo britânico foi levado a todos os cantos do globo a partir da moda, estética e do seu estilo recatado. O padrão estético é uma imposição social que decorre dos valores culturais da sociedade. O padrão de beleza estará intrínseco na sociedade se mostrando nas roupas utilizadas, no ideal do corpo procurado, nos acessórios usados. No século XIX o principal veículo que conduz essa informação são as revistas de caráter feminino, nelas sendo observados textos e imagens para

o alcance do belo. O que vestir, como se portar, quanta maquiagem usar, tudo é demonstrado por um fluxo que provém, particularmente, das revistas deste período.

Com base no exposto o presente estudo apresenta como tema o padrão estético da mulher no auge da era vitoriana e suas influências fora da Inglaterra. O padrão inglês de beleza era visto pelo mundo ocidental como uma percepção recatada e ao mesmo tempo elegante da moda e aspectos que se relacionassem com ela, apesar da importância igualmente acentuada da moda francesa. A partir disto nos perguntamos: qual a influência do padrão estético inglês da era vitoriana sobre as mulheres brasileiras no século XIX? Será que as mulheres brasileiras sofreram essa influência, mesmo tendo como historicamente forte a hegemonia cultural resultante da influência francesa?

O tema se justifica devido à importância histórica e cultural deste período para a história das mulheres, apesar da busca ao alcance do belo e do conceito de beleza pessoal ocorrerem ao longo dos séculos. Toda sociedade tem seus ideais de beleza e suas tentativas de alcançá-lo por meio de indumentárias, pinturas corporais e adornos. Mas o padrão estético em relação a manipulação da mulher em sociedade é relativamente novo como mostra Wolf porque “A maioria das nossas hipóteses sobre a forma pela qual as mulheres sempre pensaram na “beleza” remonta no máximo a 1830, quando se consolidou o culto à domesticidade e inventou-se o código da beleza.” (WOLF, 1992, p. 18).

As mulheres inglesas destes setores não trabalhavam nem possuíam qualquer preparação para o trabalho, que na maioria das vezes era feito por mulheres, homens e crianças das classes trabalhadoras em fábricas ou por meio do trabalho doméstico. Raras vezes o trabalho no comércio era feito por mulheres e, quando o faziam, quase sempre possuíam relações de parentesco com os proprietários. Na classe nobre as damas eram preparadas desde criança para o debut, evento que ocorria na sociedade londrina o qual tinha por função introduzir socialmente a mulher na sociedade como possível esposa. A mulher adequada deveria ter, além da beleza, os dotes propícios à gestão de um lar e determinados traços de comportamento social como a habilidade de trocar instrumentos, cantar, dançar e declamar poesia.

No Brasil do século XIX a divisão de classes consistia em majoritariamente uma elite rural. A partir da vinda da família real e da limpeza que passa a haver nos centros urbanos, as cidades começam a se tornar atrativas trazendo famílias nobres e da elite agrária para ali se estabelecerem.

A mais notável, entre essas lacunas, era a inexistência de uma numerosa camada social intermediária entre os grandes senhores e a parte ínfima da população livre, que pudesse fazer as vezes de classe média e que, pela sua naturalidade, fosse apta a bem

expressar o sentimento nacional de um povo que pretendia livrar-se da tutela externa (HOLANDA, 2005, p.95).

A partir da vinda da família real para o Brasil ocorre o desenvolvimento de gráficas e escolas, anteriormente não era possível a impressão pelo método em larga escala por uma lei.⁴ Com o desenvolvimento gráfico no Brasil surgem revistas e jornais para difundir as notícias e falar da moda. A imprensa feminina surge na metade do século XIX tendo característica pela diversidade dos assuntos e formatos literários, na época comumente designada como “variedades”, incluindo moda, notícias políticas curtas, contos, poemas, piadas entre outros (COSTA, 2014).

As leitoras alfabetizadas eram em número reduzido, já que a população alfabetizada compunha pequena porcentagem.

Como os dados do Censo apontaram uma população feminina de 4.806.609 mulheres, pode-se concluir que apenas 11,46% do público feminino tinham acesso à leitura. Pior, da população em idade escolar, apenas 17% estavam assistindo às aulas, o que permitirá projetar uma taxa de analfabetismo que passava da casa dos 84%. Isso prevendo que todas as crianças em idade escolar que assistiam às aulas estariam de fato aprendendo e não engrossando o percentual dos analfabetos funcionais – ainda hoje uma praga nacional, cravando praticamente os mesmos percentuais de analfabetos da década dos 70 do século XIX (COSTA, 2007, p.47).

Durante a segunda metade do século XIX a escolaridade feminina ainda era uma questão a ser resolvida. A maior parte das mulheres não possuía acesso à educação e não eram nem mesmo alfabetizadas; normalmente as mulheres que possuíam maior acesso a escolarização eram as mulheres de famílias mais abastadas que estudavam em colégios católicos ou tinham professores em uma educação em casa. Enquanto isto um percentual menor de outras camadas tentava se escolarizar, porém a quantidade e qualidade das demais escolas era escassa. Mas essa pouca escolarização é que tornará o acesso à leitura mais propício a esta pequena parcela leitora de mulheres que pertencia às camadas abastadas e a um incipiente grupo das camadas intermediárias, dos quais as mulheres professoras faziam parte.

Considerando o público leitor a que se destinavam os romances, folhetins e revistas do Brasil do século XIX, cabe lembrar ainda, como parte desse letramento mediado, as sessões de leitura em grupo, como se refere Dulcília Buitoni. Era comum as “senhoras” se reunirem para a execução de trabalhos manuais enquanto uma delas lia trechos de livro ou reportagem de revistas (COSTA, 2007, p.48).

⁴ Na passagem do ano de 1807 a 1808 ocorreu a vinda da família real portuguesa para o Brasil sob a proteção das frotas inglesas, em um contexto da dominação de Napoleão Bonaparte na Europa Ocidental. Com a vinda da família real ocorreu um desenvolvimento político e econômico no Brasil devido à uma mudança em relação ao comércio de mercadorias com a Inglaterra e com a questão do acesso à cultura ocorrendo muitas mudanças, entre as que se relacionam com o presente artigo podemos citar a criação de indústrias cosméticas, a liberação da imprensa e a publicação de livros.

E as revistas, passam, então, a fazer parte do cotidiano dessas mulheres, que inclusive utilizam da leitura coletiva para ampliar ainda mais o público leitor.

A partir destas considerações apresentamos como objetivo geral desta pesquisa analisar o padrão estético inglês presente nas revistas brasileiras do Rio de Janeiro no auge da era vitoriana (1850-1879). Como objetivos específicos apontamos: analisar a idealização do padrão estético e sua influência nas revistas da época no Rio de Janeiro; identificar qual a indumentária da época a partir do padrão estético vitoriano estava presente no Brasil; identificar os recursos estéticos para o alcance de um padrão corporal feminino; por fim, contextualizar as relações entre o padrão estético vitoriano e o controle patriarcal sobre as mulheres.

1.1 Procedimentos metodológicos

A pesquisa caracterizou-se como documental e foi realizada nas revistas cariocas encontradas digitalizadas no site da Biblioteca Nacional Digital. Houve um complemento com um levantamento bibliográfico em livros e artigos científicos para contribuir para a análise das revistas no que se refere à vida das mulheres no período estudado, levando em conta a construção das relações de gênero, dos padrões estéticos e da história do auge do período vitoriano na Inglaterra e no Brasil.

A pesquisa documental trabalha com materiais específicos que permitirão uma análise de elementos encontrados em fontes primárias. Para Gil (2002, p.46) “Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica.” A partir desta premissa se nota a importância da pesquisa documental, no caso por meio das revistas digitalizadas aqui selecionadas.

Como os demais arquivos presentes no site da Biblioteca Nacional todas as revistas permitem a busca por descritores. No primeiro momento foram: moda, inglesa, toilette, inglês, moda inglesa e corpo e selecionados 19 excertos. No segundo momento buscamos os descritores chapéu, corset, saia-balão e espartilho e foram encontrados 2 excertos.

As revistas e exemplares pesquisados foram: a primeira revista *O Espelho: Revista Semanal de Litteratura, Modas, Industria e Artes* (RJ), com pesquisa em 18 exemplares no período de 1859-1860; a segunda revista *Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades* (RJ), cuja pesquisa se deu em 447 exemplares no período de 1854-1858; a terceira revista *Novo Correio de Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas* (RJ), houve a pesquisa em 6 exemplares no período de 1852-1854.

2. RELAÇÕES DE GÊNERO, PATRIARCADO E PADRÃO ESTÉTICO

As desigualdades de gênero que regem a sociedade desde seus primórdios em que há a dominação dos homens sobre as mulheres é designada por muitos autores como patriarcado e que se combina a cada época e local com o sistema socioeconômico e cultural de cada sociedade. A criação de modelos de feminilidade e masculinidade impostos a mulheres e homens persiste na atualidade. O modo ideal do ser feminino se apresenta como um modelo dependente, frágil, ligado ao lar e à maternidade. Enquanto a masculinidade é apresentada como um ser forte, independente e viril, que provê o lar e dá proteção.

Ao longo dos séculos ocorre a construção do patriarcado, a figura do pater como superior à da mulher e como o representante da família, responsável por prover sua casa. O patriarcado coloca a mulher como figura submissa, baseado em uma dicotomia de gênero em que o feminino é sempre inferior.

Rosalind Miles (2001) no livro “Who cooked the last supper” traz uma linha histórica de aspectos aos quais a submissão feminina sobre o masculino e o patriarcado tem seu começo e sua evolução. Possui uma divisão sobre os aspectos de luta aos direitos das mulheres e o corpo e sua relação política, apresentando exemplos da vida das mulheres da época, casos jurídicos, conquistas de direitos e lutas e uma visão sobre as mulheres e suas vidas ao longo dos séculos.

Simone de Beauvoir (1967) em seu livro “O segundo sexo” mostra os aspectos e criações do feminino e masculino e fala das mulheres na sociedade patriarcal. A maternidade compulsória era ensinada desde cedo para que a mulher fosse um ser materno, que soubesse o que devia ser feito, que fosse feminina, ingênua, recatada. Simone de Beauvoir (1967) destaca em seu livro como a criação dos aspectos de feminilidade foi designada à mulher e como ela reproduz esses aspectos influenciando umas às outras em diferentes períodos históricos.

Dão-lhe por amigas outras meninas, entregam-na a professoras, vive entre matronas como no tempo do gineceu, escolhem para ela livros e jogos que a iniciem em seu destino, insuflam-lhe tesouros de sabedoria feminina, propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo que da toilette, da arte de seduzir, do pudor; vestem-na com roupas incômodas e preciosas de que precisa tratar, penteiam-na de maneira complicada, impõem-lhe regras de comportamento: "Endireita o corpo, não andes como uma pata" (BEAUVOIR, 1967, p.23).

A ideia de mulher como construção social, nas décadas seguintes o conceito de gênero, inicialmente utilizado na década de 1960 por médicos norte-americanos para tratarem sobre a transexualidade, passa lentamente a ser incorporado pelo movimento feminista e significa um questionamento de que as figuras de homem e de mulher são construídas a partir de diferenças

fisiológicas observadas e que são colocadas como específicas, assim criando um aspecto voltado ao que é feminino e o que é masculino. É questionada a atribuição, até aquele momento, de que o feminino seja sinônimo de calmo, solidário e dependente e o masculino como insensível, independente e provedor. Essas premissas são questionadas porque se tornam os fatores limitantes aos quais os sexos biológicos devem se encaixar para a diferenciação e dominação do masculino sobre o feminino. O trabalho aqui apresentado pensa as questões de feminilidade como essa construção social de gênero, mas ao mesmo tempo mantém o resgate da história das mulheres como um referencial importante na historiografia a ser estudado (PERROT, 2019)

Cabe definir nossa compreensão de estética, conceito fundamental nesse trabalho. Por estética compreendemos um conceito primário para a idealização da beleza e tal idealização pode conter fatores externos como características físicas humanas ou modos de utilização do corpo. O padrão estético tem seu foco predominantemente nos corpos femininos, sustentados pelo pensamento patriarcal; nele o corpo feminino tem de ser considerado atrativo e sensual e ainda assim se manter puro e casto para a sociedade.

O padrão estético é colocado como uma imposição pela sociedade do que é considerado ideal e atrativo estando dentro dele características físicas, a indumentária, o uso de cosméticos e o comportamento, entre outros. Essas características refletem a concepção da classe hegemônica que varia de acordo com o local e época; e apesar de aparecerem como universal só podem ser seguidas por quem tem acesso ao poder econômico. Ao longo dos séculos o padrão muda, varia de sociedade, cultura, etnia e junto com isso a classe dominante muda, podendo ser burguesa, monárquica, mas sempre havendo um ideal estético vinculado a ela. De acordo com Schubert (2009), conforme citado por Suenaga, Lisboa, Silva e Paula (2012, p.2), “diferentes épocas e culturas têm seus modelos ou padrões específicos de beleza.” O ideal da beleza feminina é visto desde os primórdios das sociedades, porém é no século XIX com a saída da mulher para o mercado de trabalho nas classes operárias e na caça aos maridos na classe burguesa e nobre que o ideal de belo é destacado e cobrado.

As imposições do padrão estético podem ser percebidas a partir da análise de roupas da época, do padrão corporal colocado em obras de arte ou descritos na literatura ou pela análise do estilo de cosméticos usados. O padrão estético também pode ser conhecido pelos materiais de divulgação cultural da época. A partir do século XIX entram em cena novos meios de comunicação do período como jornais e revistas e no século XX, além destes já citados, são criados o cinema, o rádio e outros veículos que vão surgindo.

No livro "O mito da beleza" de Naomi Wolf (1992), a escritora aborda as pressões estéticas sobre as mulheres em diversos aspectos da vida. Possui uma perspectiva na qual o papel da mulher e a importância da beleza estão atrelados pela imposição da sociedade patriarcal. "A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino" (WOLF, 1992). Segundo Naomi Wolf (1992) a estética como reflexo de um ideal consiste em uma ideia de que a beleza é utilizada como mantenedora das relações hegemônicas e do patriarcado, pois o corpo ao qual deve ser idealizado e adequado aos padrões impostos é o feminino.

Se a cada cultura há padrões para a beleza feminina, a sociedade capitalista estabelece um padrão de beleza hegemônico e de modo geral associado às classes dominantes de seu período e lugar, que de fato são quem consegue segui-lo em função do poder aquisitivo e ao mesmo tempo lucrarem com ele. Todavia, esse padrão estético termina por atingir todas as classes, que de algum modo, vão segui-lo ou apenas almejá-lo.

A partir da premissa da beleza como ferramenta de opressão de gênero que perpassa os séculos e paradoxalmente, da evolução da mulher no ambiente de trabalho e na conquista de direitos observa-se a imposição estética que contraditoriamente é assumida e negada por grupos e indivíduos e, historicamente suplantada a cada vez por novos padrões, que podem manter ou não a coisificação das mulheres em objeto sexual e de beleza, ao mesmo tempo que a situa como consumidora deste mesmo padrão imposto hegemonicamente.

3. Padrão Estético Vitoriano

Segundo Mathews (2018) o padrão estético da era vitoriana em 1850 era caracterizado pelo uso de artifícios como a crinolina, uma gaiola feita com fios de metal entrelaçados com tecido para formar volume utilizada embaixo das saias utilizada a partir de 1855, como o espartilho e as mangas bufantes chamadas mangas pagoda. Esses artifícios eram utilizados para dar a silhueta a característica estreita na cintura em contraste com as esvoaçantes saias e mangas.

Na década de 1860 as saias ascenderam a um novo patamar devido a seu volume; e com a descoberta de anilina e outras substâncias pigmentantes as vestimentas aderiram a uma nova escala de cores. O uso das saias nas cidades não era muito prático devido a sujeira que a saia arrastava consigo tornando-a nada higiênica e proliferadora de parasitas. A partir da década de

1870 o formato da crinolina muda para enaltecer a parte posterior do corpo: enquanto a quantidade e largura das saias diminuía eram utilizados diversos detalhes que traziam um ar romântico como o uso de fitas e laços.

Durante o século XIX a tuberculose, conhecida como peste branca, assolou a Europa causando muitas mortes. As características da doença deixavam pessoas magras e com pele pálida, e por este motivo foi romantizada. Nas palavras de Mullin (2016) era considerado que as mulheres mais bonitas e que estampassem a brancura, fossem as que as tivessem maior propensão à conhecida peste branca, assim definida pela palidez característica dos doentes. O padrão corporal vitoriano ressaltava corpos magros e pálidos, sendo que muitas vezes mulheres tomavam água com limão ou água com vinagre para criar a ausência de apetite e adequarem seus corpos. De acordo com Silver (2002) a busca por um ideal magro a partir do uso de corsets e da anorexia, junto com outros distúrbios associados como o uso de sucos de limão e vinagre para a perda de apetite, era aclamado até mesmo pelas revistas. Os cabelos eram sempre utilizados presos, pois cabelos soltos eram considerados tanto uma expressão de infantilidade como de luxúria (SANT'ANA, 2014).

A era vitoriana foi um período em que o alcance da beleza feminina foi tomado por exaustivas buscas estéticas para se fazerem bonitas e esteticamente atrativas aos olhos da sociedade. O uso de crinolina, as saias banhadas a petróleo, os espartilhos, os acessórios perigosos no cabelo, o uso de animais mortos como pássaros e asas de insetos e a maquiagem utilizada em segredo visando aparentar um falso ar natural compunham algumas das premissas estéticas. A mulher como símbolo de beleza deveria se portar como destaque dentro desse senso estético.

Em contrapartida, não seriam todas as mulheres que poderiam alcançar tal padrão. Serão as mulheres das classes médias e nobres que deverão usar seu tempo para dedicarem-se, exclusivamente, na busca da perfeição estética daquele momento. Sem possuir letramento em muitos casos e com a ausência do direito à herança, o casamento seria sua principal e muitas vezes única escolha.

Os valores britânicos do século XIX não favoreciam o emprego de mulheres. Ainda que houvesse muitas mulheres trabalhando na indústria britânica, a classe média mostrava-se desfavorável ao trabalho feminino, preocupada com as consequências na moralidade sexual e na vida familiar. A regulamentação do trabalho feminino foi introduzida por volta de 1850 e a porcentagem de mulheres empregadas voltou a decrescer (STEARNS, 2018, p.132).

A partir da concepção da figura da mulher burguesa ou nobre como ideal a ser alcançado ou chegar o mais próximo de alcançar o padrão de beleza se observa a hegemonia das classes

dominantes sobre um padrão de beleza na sociedade trazendo uma perspectiva única de belo inalcançável.

4.DISSCUSSÃO E RESULTADOS

No século XIX, a Inglaterra se tornou um dos países com maior poder e decorrente influência sobre a sociedade ocidental. Essa influência se vê nos meios de consumo presentes nos países a ela dependentes, entre eles podemos citar as mercadorias referentes à moda. A partir dos objetivos da pesquisa e dos resultados aos descritores buscados, selecionamos excertos que tratavam de alguns acessórios que faziam parte do universo da moda britânica e que chegaram no Brasil nessa época, o chapéu Bonnet e a saia-balão, esta complementada pelos espartilhos. Conforme já especificado na parte dos procedimentos metodológicos, nossa análise será centrada a partir dos três materiais de divulgação carioca, sendo eles: O Espelho: Revista Semanal de Litteratura, Modas, Industria e Artes (RJ); Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades (RJ); e Novo Correio de Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas (RJ), que abarcavam o período de 1852 á 1860 na cidade do Rio de Janeiro.

Foram encontrados excertos com aspectos voltados à estética inglesa com acessórios específicos como o chapéu bonnet e o uso da crinolina, que apesar de patenteada como francesa (a moda francesa também era muito presente no Brasil no período imperial) era muito utilizada na moda inglesa, que a divulgava pelo mundo por meio dos paquetes ingleses que aportavam nessas terras. Aqui vamos analisar os excertos encontrados em algumas revistas, ainda que não tenham sido muitos, o que leva a pensar, caso se faça pesquisas mais profundas que a influência inglesa na moda brasileira era mais polêmica e talvez menos presente que a francesa. Todavia, há indícios de alguns aspectos que comprovam haver um padrão inglês presente nas camadas médias e abastadas da sociedade brasileira do período imperial.

Retirado da “Crônica elegante” na página 11, sem assinatura, o excerto traz uma perspectiva sobre a comunicação entre o Rio de Janeiro e Londres. As novidades trazidas pelo “paquete inglez”, navio que fazia conexão como meio de transporte para passageiros, cartas e outros materiais, era uma referência para os jornais sobre o que ocorria fora do Brasil. A partir da década de 1850 ocorre uma correspondência entre Brasil e Inglaterra a partir da Companhia Real Britânica de paquetes a vapor (EL-KAREH, 2003). A partir das relações políticas de dominação britânica o paquete inglês conquistou uma vantagem sobre os outros para o

despacho de produtos e privilégios alfandegários. Segundo Oliveira (2008) a exportação inglesa de produtos ocorria desde o início do século contando desde móveis até vestimentas e acessórios, porém a partir de 1850 a disseminação de informação entre Brasil e Inglaterra com cartas e revistas passou a ser feita com frequência pelos pacotes.

A dominação britânica também era cultural, haja vista ser a Inglaterra considerada sinônimo de elegância, conforme vemos a seguir: “Devemos esperar pela chegada do pacote inglês para noticiarmos o que de novo se tem dado no mundo elegante”. (CHRONICA ELEGANTE. O Espelho: Revista Semanal de Litteratura, Modas, Industria e Artes. Rio de Janeiro. N.1. p.11-12, Setembro. 1859.). As revistas divulgavam a moda estrangeira vitoriana como um modelo a ser seguido, ainda que, por vezes, revelassem as polêmicas em torno de alguns acessórios, particularmente sobre as consequências corporais resultantes do uso do chapéu e da saia-balão, sobre os quais trataremos a seguir.

Retirado do jornal "Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades (RJ)", primeira página, com o título "Moda" e sem assinatura, a matéria demonstra a possibilidade de esta ser a opinião do jornal sobre o assunto e com certo destaque, já que estava na primeira página. O chapéu em questão se tratava do Chapéu Bonnet que teve seu uso durante todo o século XIX sob vários modelos. Era utilizado com uma aba larga para proteção do sol, para proteger e destacar a valorização que a cor alva da pele proporcionava ao ideal de beleza da época. Durante a década de 1850, em específico, ocorreu uma modificação sobre o tamanho do mesmo, que teve sua aba diminuída; ainda assim o chapéu se tornou uma influência e um caso notório devido ao uso não consensual dele, situação ocorrida igualmente com a saia-balão.

Dos estranhos e dos nossos,
Apesar da oposição,
Vogam chapéus á pastora,
Usa-se a saia-balão”

(...)

“Por tanto, seguindo exemplos,
Dizer quero, em conclusão,
Que aprovo os chapéus á ingleza;
Que aprovo a saia-balão

(A MODA. Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 868. p.1-2, Julho. 1857.)

O excerto aqui escolhido aponta o debate entre o que era brasileiro e o que era estrangeiro na expressão “dos estranhos e dos nossos”. A partir da análise dos excertos notamos que um dos acessórios, o chapéu Bonnet é citado sobre a moda inglesa como chapéu à inglesa, ou mais comumente, chapéu a pastora no Brasil. A revista assume a perspectiva de porta-voz

da moda já pelo seu nome “Moda e variedades” e no texto em questão expressa sua opinião (pois o texto não tem autoria) afirmando uma postura definitivamente positiva sobre o traje inglês. A matéria demonstra o acirramento provocado pelos aspectos da moda do chapéu e da utilização da crinolina. Abaixo uma imagem que demonstra as características do Chapéu Bonnet ou Chapéu a pastora.

Figura 1: A selection of mantles from, 1853. Uma seleção de mantos, 1853⁵



Fonte: Biblioteca Thomas J. Watson, Metropolitan Museum of Art (1853)

Após um mês e meio da publicação do poema acima, ainda na década de 1850, com o título "Chapéu barraca e vestido-balão" o jornal "Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades (RJ)" traz outro poema, desta vez promovendo um paralelo entre a briga dos dois acessórios por quem é o melhor, trazendo como metáfora o acirramento do conflito entre Paraguai e Brasil.

Não é só com o Paraguay
Que nós a temos travada;
Tambem cá duas potencias
‘Stão em guerra declarada!
(...)
Houve em fim grande contenda
E temos revolução
Entre o tal chapeo-barraca
E o vestido balão!

(LIMA, A. J. de C. O chapeo-barraca,e o vestido balão. Marmota Fluminense:
Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 879. P2-3, Setembro. 1857.)

⁵ As imagens que se seguem são meramente ilustrativas para a visualização do que seriam estas indumentárias, mas não são extraídas das revistas pesquisadas, que não continham imagens junto aos excertos aqui selecionados. Todas as traduções dos títulos das imagens, quando necessários, foram feitos por nós.

A designação de chapéu barraca já demonstra uma certa crítica ao uso dele, pois parece ser pejorativo. Naquele momento ocorria um conflito entre Brasil e Paraguai por causa da liberdade de navegação pelo Rio Paraguai, o que gerou uma ocupação de terras paraguaias por brasileiros. Segundo Castro (2017) esta foi a preparação para uma batalha que só ocorreria em 1864, mas em 1858 houve a preparação de navios para a abertura do Rio Paraguai, mas a invasão não ocorreu.

Na sequência do poema a peleja continua:

(...)
Eu te juro, meu barraca
Raivoso diz o vestido,
Que has de ser bem castigado,
já que és tão atrevido

Toda a moça aristocrata,
Que passa por ser do tom,
Se não me trouxe consigo
Não sabe aquillo que é bom

E eu?(responde o chapéu)
Eu então não valho nada?
Não escondo o lindo rosto
Da dama mais delicada?

(...)
Chapéu-barraca só usam
As tortas, defeituosas,
Que tem sardas ou bexigas,
Mas não as damas formosas...

(...)
És um tolo, um embusteiro,
Lhe diz o chapéu á ingleza:
Eu só encubro a modestia;
Eu só escondo a beleza:

E quem é que usa de ti,
Será pois alguma bella ?
São as que querem, comtigo
Esconder sua masella

Uma tem a perna torta
Outra tem alguma contusão,
O que só pode encobrir
O tal vestido-balão!..

(LIMA, A. J. de C. O chapeo-barraca,e o vestido balão. Marmota Fluminense:
Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 879. P2-3, Setembro. 1857.)

Os argumentos a favor da saia apresentam a questão de classe, o pertencimento à aristocracia e estar na moda, andando no “tom”, como referência musical de equilíbrio. Os argumentos a favor do chapéu se destacam pela qualidade de proteção para a alvura da pele e novamente um argumento de classe, a delicadeza, característica das mulheres abastadas que

não precisavam fazer trabalhos pesados. As críticas negativas trazidas ao chapéu aparecem em sua dupla função de esconder o rosto e a beleza, quando ela existia ou reafirmava a 'feiúra' da dama que o usasse, pois seria usado apenas para esconder aspectos como manchas, sardas e bexigas, caso elas existissem. A crítica à saia-balão, como era chamada a crinolina, era de que trazia elegância, porém também escondia o corpo e assim os defeitos, como pernas tortas ou contusões, inclusive decorrentes do tamanho da saia.

Figura 2: A yellow ball gown (right) and a day dress paired with a fashionable cashmere shawl. Um vestido de baile amarelo (direita) e um vestido diurno acompanhado de um xale de cashmere



Fonte: Le Moniteur de la Mode, 1850. Biblioteca Thomas J. Watson, Metropolitan Museum of Art.

Acima dois modelos sem o uso da crinolina, nota-se que a saia apesar de larga não tem a mesma proporção que com o uso da crinolina.

Figura 3: A fashionable ball gown with skirts festooned with roses. Um vestido de baile com saias adornadas com rosas.



Fonte: Journal des Demoiselles, 1858. (Biblioteca Thomas J. Watson, Metropolitan Museum of Art)

Acima é visto um modelo de vestido de baile com o uso da crinolina por baixo das saias: observa-se que a largura do vestido devido ao uso da crinolina ampliava em muito a presença feminina destacando-lhe um corpo acinturado e esbelto.

No excerto intitulado “A saia-balão” com a autoria de L., provavelmente um pseudônimo, retirado da revista Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades (RJ), no ano de 1857, edição 877, na página 2 aparece uma crítica sobre a moda da crinolina, chamada pelo jornal muitas vezes de saia-balão. A crinolina é uma base feita com ferros envoltos em tecido criando uma sustentação para o maior uso de saias e foi criada na França e difundida pela influência inglesa para os outros países. Afirmava-se seu poder de sedução pela demarcação do corpo feminino ainda que houvesse críticas a elas, como a dificuldade de passar em portas ou outros aspectos, como os diversos acidentes no século XIX. Sama (2015) destaca que o uso da crinolina criava uma espécie de gaiola sobre o corpo impedindo a locomoção ou de se retirar as saias quando em chamas levando a várias mortes nesse incêndio. Afirmam que houve cerca de três mil mulheres morrendo deste modo.

A saia-balão é uma moda indigna, esdruxula, impropria e escapafurdia. A saia-balão é moda que foi, sem duvida, inventada por alguma mulher phthysica que tendo corpo de esqueleto, quis servir-se de arcos de ferro para poder aparecer em publico. A saia-balão torna a mulher semelhante a uma boneca de fogo, da-lhe circumferencia de tonel, e lhe faz o corpo redondo como um globo de geografia! A saia-balão reduz a mulher á uma especie de monstro de Horacio, com cara de gente, e com o corpo bojudo como o do tatu-bola. (L. A saia-balão. Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 877. p.2-3, Agosto. 1857.)

Uma das maiores críticas sobre a saia-balão era que escondia o corpo e disfarçava imperfeições que existissem na parte inferior da dama que a utilizasse. Em outros países a saia-

balão foi satirizada pelo uso de gravuras, um exemplo foi utilizado em ‘The Comic Almanack’, de origem inglesa, cuja ilustração de George Cruikshank acompanhou um texto escrito por Albert Richard Smith, Gilbert Abbott à Beckett e William Makepeace Thackeray.

Figura 4: A Splendid Spread. Um esplêndido aumento.



Fonte: The Comic Almanack, 1850

Outro excerto retirado do jornal "Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades (RJ)", com o título Ella tendo como autor F. Gomes da Silva, provavelmente outro pseudônimo. O poema aponta um ideal de beleza, sendo o corpo ideal a beleza europeia, com a pele alva, os cabelos escuros trançados, o corpo magro, um colo visível e também branco. O autor aborda no poema aspectos comportamentais de feminilidade da época, como a ideia da mulher como um ser angelical, virginal e que possuísse uma postura leve, diáfana e delicada, características corporais das mulheres abastadas ou da nobreza.

ELLA

(...)

Ella é qual um anjo, risonha falando,
Seus olhos pequenos de fogo a luzir
As chamas ateam de amor tão profundo,
Farpão é o que prende teu meigo sorrir!

(...)

Seus pretos cabelos, que ao ébano igualam,
Em tranças tão lindas, tão lindas madeixas,
São anjos, que inspiram no vate o trovar,
Que inspiram na lyra cantar mil endeixas.

Eburneo alabastro de alvura sem fim,
Não turva da virgem seu cólo nevado!
Um cólo mais lindo, mais branco não julgo,
Que possa a natura jamais ter formado!

Que andar tem ella, que andar tão airoso!
Que corpo tão bello, d'um bello ideal!

F. Gomes da Silva
(SILVA, F.G. da. Ella. Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 436.p.4, Janeiro.1854.)

A abordagem da mulher tendo as características europeias como belas aponta para a perspectiva de beleza colonizada, voltada para fora do país, sendo que os principais países que ditava para o Brasil o que era belo eram a França e a Inglaterra, e se observa essa perspectiva no poema. Em outro excerto dessa revista, com o título “As tolas presumidas”, o autor mostra uma percepção fazendo paralelo entre o uso de elementos da moda e a sociedade petalógica que existia na época. Segundo consta de publicação no sítio de internet da biblioteca Central Irmão José Otão (2011), a sociedade petalógica estudava mentiras contadas e tentava prejudicar mentirosos. A sociedade petalógica foi fundada por Francisco de Paula Brito em 1840 e as reuniões ocorriam em seu estabelecimento comercial. A comunidade contava com diversos tipos de pessoas das mais variadas classes sociais, também reuniu escritores do movimento romântico. Francisco de Paula Brito era editor da revista Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. E a sociedade petalógica foi chamada a entrar na peleja!

Em summa, supponhamos que a natureza caprichou em desfeitear uns lindos rostos, como os de VV.Exas., collocando-os sobre uns corpos mal-ajorcados, com umas cadeiras esguias como umas bundas de rân: vai-se á Petalogica e lá se achará uma modista que com um espartilho e uma colleção de saiotes bem engommados, e um vestido com cinco ordens de babados arma um Iundá , cheio de gaz , que a torna logo interessante. São infinitos os fatos da Petalogia!
(AS TOLAS, Presumidas. Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N.617. p.2-3, Agosto. 1855.)

Mas além da saia havia ainda o uso de espartilhos que a acompanhava, mas que existia desde o século XVI. Segundo Waugh (1954) o uso de corsets, nome inglês do espartilho, começou para trazer forma e esculpturar o corpo. Os corsets no século XVIII e XIX também eram utilizados por homens que queriam manter uma aparência de alto nível (RAWLIGS, 2019). A peça continuou a ser usada no século XIX por mulheres para a sustentação da postura devido ao peso das saias, que as tornava cansativas. Waugh (1954) comenta que várias lojas fabricavam corsets, porém algumas pessoas faziam seu próprio corset em casa seguindo as instruções que vinham em revistas até 1860.

Uma crônica com autor cujo nome também pode ser considerado um pseudônimo, J. dos Santos Junior, se refere a um conflito entre dois personagens que possuem objetos citados, a dama com o chapéu e o cavalheiro com a cadêa do relógio crônica intitulada *A cadêa do*

relógio. No excerto abaixo ocorre um diálogo dos personagens e nele se observa a crítica e a defesa de ambos sobre seus acessórios.

A cadêa do relógio

(...)

Então, Sra. D.L... ainda não quiz deixar seu chapelinho á ingleza? dice, passado um pouco, o Sr. O... para a jovem donzella. Pois olhe, minha Sra., se estivesse no seu lugar já não usava d'elle, por pertencer á uma moda que tem sido assás epigramada.

Ora, Sr., que me importam os epigramas feitos as esta moda, se eu gosto d'ella! dice a joven com ar de enfado imperceptivel.

(...) Comprehando-o, atalhou a joven. Mas embora! Em quanto não me impedirem de seguir esta, seguil-a-hei, em quanto durar o meu gosto. Porém: diga-me agora, Sr., por que se conforma e segue a moda de trazer a cadêa do relógio com immensas sobras pependentes meio palmo abaixo do collete, o mil cousinhas presas á mesma cadêa, moda na verdade, digna de riso e que já foi bem ridicularisada no carnaval por alguns mascararas!

(JÚNIOR, A. J. dos S. A cadêa do relógio. Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 856. p.2, Junho. 1857.)

A dama que possui o chapéu á inglesa o defende por sua proteção do sol, enquanto o cavalheiro nota que a moda do chapéu está ultrapassada. A dama aponta a cadêa do relógio do cavalheiro que a partir de sua crítica é visto como uma moda que já foi muito questionada no carnaval. Segue a discussão:

Isto é diferente. O chapéu á ingleza encobre muitas vezes dous sóes brilhantes e fascinadores, isto é, olhos como os da Snra.D.L..., o que é uma pena; no entanto que a cadêa do relógio com todas as mais cousinhas, como diz a Sra.. servem ao menos... d'ostentação...de inculcar um pouco aquelle que a traz.

(JÚNIOR, A. J. dos S. A cadêa do relógio. Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 856. p.2, Junho. 1857.)

Para Nunn (2001) o chapéu Bonnet foi modificado no período da década de 1850, sendo levado de um modelo inicialmente anterior à testa e posteriormente com um modelo mais elevado com a aba no meio da cabeça para dar visão melhor do rosto feminino. Provavelmente para dar conta das críticas de que escondia a beleza feminina. Uma perspectiva para esta mudança pode ser vista como a crítica levada sobre o chapéu como com os poemas citados.

(...)

Nem desejo que discutamos, sómente desejaria que quando d'aqui por diante falasse das modas, olhasse primeiro para o Sr.; pois que esta moda tem utilidade que a justifique, e é, que os chapéus livram do sol, posto que não seja agora tão ardente como no verão, tempo em que ella principiou; no entanto que o trazer a cadêa do seu relógio d'esse modo, pode-lhe ser prejudicial, isto é, fazer-lhe perder o dinheiro que empregou n'ella, sendo mudada para o bolço d'algum cavalheiro da indústria, que a saberá esconder.

(...)

E eu, e meu amigo que tínhamos ouvido toda esta conversa, continuávamos o nosso caminho comentando-a. Mas não te parece, dizia-me este, que a moça é espirituosa? Parece-me, respondi-lhe; mas é, que continuar uma moça d'aquellas a usar dos taes chapéus, de que já usam meretrizes

publicas, é um capricho bem louco! Com effeito as mulheres são bem incompreensíveis! O que o diabo tem de mais extravagante é o que a maior parte das vezes lhes agrada mais. (JÚNIOR, A. J. dos S. A cadêa do relógio. Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades. Rio de Janeiro. N. 856. p.2, Junho. 1857.)

O jornal traz a crítica de que a moda do chapéu considerada obsoleta é utilizada por prostitutas e que ao usá-la a dama poderia ser confundida com uma. Ao final, aparentemente há uma vitória da mulher sobre o homem em que ela é considerada mais inteligente pela sua crítica, destacada pelo autor supostamente ouvinte da peleja, mas cuja inteligência é relativizada pela percepção ambígua da mulher como espirituosa, incompreensível ou louca, ou seja, a perspectiva da mulher como uma criatura indecifrável, e ao mesmo tempo próxima do profano, que seriam as meretrizes. Anjo e demônio, pureza e sedução caminhando lado a lado na mesma revista.

Selecionamos a seguir outro texto, agora de um novo periódico de leitura feminina, o jornal Novo Correio de Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas (RJ), emitido com cerca de 200 páginas e com o custo de 7 mil reis a cada seis meses. A notícia *Negocios de Emancipação feminil*, destaca uma cena em Londres que trata sobre a moda bloomerista e foi repercutida no Brasil sendo motivo para um texto na página 27 na edição de 1852. O encontro ocorreu em Londres no Royal-Soho-theatre em Londres e relaciona a moda blommerista com a emancipação feminista. Com a presença da fundadora da moda bloomer, Amelia Bloomer, que discursou sobre como a moda vitoriana a partir de espartilhos e saias extravagantes fazia mal às mulheres. Essa cena apresenta a crítica dentro do próprio país de referência, a Inglaterra, de uma moda que era exportada para outros países.

Negocios de Emancipação Feminil

(...) Uma Ingleza vestida á semi-bloomerista dirige-se com dignidade ao publico, pedindo que ouça ainda a joven Americana, que está possuida dos sentimentos mais puros (applausos). A Americana continúa : « As senhoras americanas reflectirão que ha uma outra escravidão a abolir , escravidão contra a qual não tem poder a religião, a moral, nem a lei. E a moda (risos). Com effeito a moda é contra todas as leis da natureza , chegando mesmo a pôr em perigo a vida das mulheres. Por causa della gasta-se mais do que se deve gastar , e as barbas dos espartilhos com que se tortura a mulher impedem que esta preste á sociedade os serviços que devia prestar. (...)

(NEGOCIOS DE, Emancipação feminil. Novo Correio de Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas. Rio de Janeiro. N. 1. p.27. 1852.)

A partir da crítica de que a moda atrela as mulheres a gastarem seu dinheiro e usarem roupas que as machucam, a bloomerista expõe as vestimentas como um lugar de expressão da

inferioridade da mulher na sociedade. Portanto, a crítica não estava só entre brasileiros e a moda importada, mas na própria origem da moda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção estética da era vitoriana torna a busca por atingir o belo um esforço excruciante, com adereços, vestimentas, acessórios e dietas. A Inglaterra se torna um dos países com maior alcance internacional durante o século XIX, o que a leva a ter uma influência forte sobre países americanos, em especial o Brasil. Durante o século XIX as informações gerais e exemplificações da moda eram disseminadas pelas revistas. A partir de seu contexto europeu, a Inglaterra aparece nas revistas cariocas como uma influência estética em relação ao modo de se portar e vestir e esse foi nosso tema de pesquisa e análise.

A pesquisa exploratória e documental foi realizada a partir de algumas revistas cariocas da época e tratou sobre a possível influência estética britânica nesses meios de divulgação. O padrão estético do período vitoriano trazia a perspectiva de uma mulher angelical, magra e pálida. As revistas do século XIX eram um dos únicos meios aos quais se obtinha acesso à informação nacional e internacional.

Para localização de excertos foram utilizadas em um primeiro momento as palavras-chave relativas à estética e em segundo momento à indumentária encontrada em alguns excertos. Nos excertos encontrados é observada essa presença estética britânica tanto pela distribuição de notícias como pelo próprio domínio na área da moda. As revistas femininas da época traziam excertos internacionais com descrições de vestimentas juntamente com imagens anexadas.

O uso de espartilhos, chapéus, saias pesadas e da crinolina foi encontrado na pesquisa, o que demonstra a europeização dos trajes brasileiros, que apesar de serem agradáveis esteticamente ao público eram motivo de chacota em algumas revistas pelo seu exagero. Se observa nas matérias a percepção do belo como pele clara, magro e elegante. As roupas que eram utilizadas e algumas de suas obsolescências segundo escritores como se observa no chapéu bonnet, comumente chamado de chapéu a pastora, o tabu sobre seu uso após o momento programado pela desonra da moça que o utilizasse.

A característica do papel da mulher como um ser apenas preocupado com sua beleza e pela busca de uma idealização do belo demonstram como a mulher era vista no patriarcado presente na época. A idealização da estética feminina não ocorria somente pelas mulheres, mas

também por homens. A escrita do excerto “Ella” apresenta as características de uma mulher ideal para a época. As revistas eram lidas pelas mulheres de camadas abastadas e a incipiente classe média que quase não trabalhavam fora de casa e se dedicavam aos cuidados corporais e da moda em uma sociedade patriarcal.

É evidente a influência britânica mesmo com a presença da influência francesa bastante difundida que também foi observada, mas fugia aos objetivos desse artigo. A partir da pesquisa é possível concluir uma relativa influência inglesa de forma sutil e intrínseca nas revistas, ainda que não parecesse dominante, demandando novas pesquisas mais aprofundadas.

FONTES PRIMÁRIAS

Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades (RJ) (RJ) - 1854 a 1858. (s.d.). Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706914&pagfis=1>

Acesso em: 29/09/2020

Novo Correio de Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Historicas, Anecdotas e Charadas (RJ) - 1852 a 1854. (s.d.). Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil:

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700053&pesq=&pagfis=1>

Acesso em: 29/09/2020

O Espelho: Revista Semanal de Litteratura, Modas, Industria e Artes (RJ) - 1859 a 1860. (s.d.). Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700037&pesq=&pagfis=1>

Acesso em: 29/09/2020

REFERÊNCIAS

ALVES, A. R. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua nova, 71-96. 2010.

ALVES, V. ADMIRÁVEL PAULA BRITO: UM HOMEM À FRENTE DE SUA ÉPOCA. Julho de 2011. Disponível em :<<http://www.omenelick2ato.com/historia-e-memoria/admiravel-paula-brito>>.Acessado em: 3 de novembro de 2020

BEAUVOIR, S. d. (1967). Segundo Sexo. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

CASTRO, A. H. A “quase guerra”: mobilização brasileira para atacar o Paraguai em 1857-1858. Navigator 26, pp. 74-88. 8 de novembro de 2017.

COSTA, C. Revistas femininas do século XIX: os primeiros passos. Revista Comunicare – Dossiê Feminismo, 24-35. 2014.

COSTA, C. R. A revista no Brasil, o século XIX.: Disponível em :<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp055983.pdf>>.Acessado em: 2 de outubro de 2020

EL-KAREH, A. C. O Rio de Janeiro e as primeiras linhas transatlânticas de pacotes a vapor :1850-1859. História Econômica e história de empresas, pp. 33-56. 2003.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas. 2002.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em :<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acessado em: 30 de setembro de 2020

HISTÓRIA DA MODA OCIDENTAL DE 1850. Disponível em :<<https://www.hisour.com/pt/western-fashion-history-1850s-32975/>>. Acessado em: 18 de outubro de 2020

HOBBSBAWN, E. J. Da revolução industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000.

HOLANDA, S. B. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II O Brasil Monárquico. Vol 7 Do império à república. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005.

MAIDMENT, B. "Larks in Season" - 'The Comic Almanack' 1835-1854. Montpellier, Hérault, França: Universite Paul Valery. 12 de Setembro de 2016.

MATTHEWS, M. (2018). A victorian lady's guide to fashion and beauty . Barnsley: Pen and Sword History.

MILES, R. Who cooked the last supper. Nova York: Three Rivers Press. 2001.

MULLIN, E. How Tuberculosis Shaped Victorian Fashion. 10 de Maio de 2016. Disponível em :<<https://www.smithsonianmag.com/science-nature/how-tuberculosis-shaped-victorian-fashion-180959029/#:~:text=Among%20the%20upper%20class%2C%20one,by%20her%20attractiveness%2C%20Days%20says.&text=Middle%2D%20and%20upper%2Dclass%20women,and%20color%20their%20>>. Acessado em: 23 de novembro de 2020.

NUNN, J. Victorian Women's Fashion, 1850-1900: Hats and Headwear. 11 de Junho de 2001. Disponível em :<<http://www.victorianweb.org/art/costume/nunn11.html>>. Acessado em: 24 de outubro de 2020

OLIVEIRA, C. B. (17-19 de Março de 2008). As relações comerciais entre Brasil e Inglaterra no início do século XIX. II COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM. São Paulo, São Paulo, Brasil.

PERROT, M. Minha História das Mulheres. São Paulo: Contexto. 2019.

RAWLINGS, C. CORSETS FOR MEN: THE HISTORY & MODERN DAY SOLUTIONS. 9 de Julho de 2019. Disponível em :<<https://corset-story.com/blogs/news/corsets-for-men-the-history-modern-day-solutions#:~:text=Some%20men%20wore%20corsets%20during,form%2Dfitting%20trousers%20and%20jackets.&text=Towards%20the%20mid%201800s%2C%20it,become%20the%20subjects%20of%20ridicule>>. Acessado em: 3 de novembro de 2020.

SAMA, H. Tudo sobre Crinolina - Horsehair braid (crin, crinoline). 14 de Novembro de 2015. Disponível em :<<https://www.h-sama.com/2015/11/tudo-sobre-crinolina-horsehair-braid.html>>. Acessado em: 3 de novembro de 2020

SANT'ANNA, D. B. História da beleza no Brasil. São Paulo: Contexto. 2014.

SHERIDAN, S. G., & GREGORICKA, L. A. Purpose Pain: The Bioarchaology of Intentional Suffering. Cham: Springer. 2020.

SILVER, A. K. Victorian literature and the anorexic body. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

STEARNS, P. N. História das relações de gênero. São Paulo: Contexto. 2018.

SUENAGA, C., LISBOA, D. C., SILVA, M. S., & PAULA, V. B. (Novembro de 2012). Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética. Itajaí, Santa Catarina, Brasil.

VARIOUS. Project Gutenberg's The Comic Almanack, Volume 2 (of 2). 1 de Junho de 2016. Disponível em :<<http://www.gutenberg.org/files/52204/52204-h/52204-h.htm#y1850>>. Acessado em: 3 de novembro de 2020.

WAUGH, N. Corsets and Crinolines. Theatre arts books. 1954

WOLF, N. Mito da Beleza. Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1992.

Você sabe o que foi a Sociedade Petalógica? 19 de Setembro de 2011. Disponível em :<<https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-o-que-foi-a-sociedade-petalogica/>>. Acessado em: 3 de novembro de 2020.